

Apresentação – nº 68 | Estudos Literários 2024

Em um de seus poemas mais conhecidos, “When I Buy Pictures” (“Quando compro quadros”), datado de 1921, Marianne Moore descreve a nossa relação com a arte, com a poesia, com o mundo das imagens, como a de um desejo de posse que não pode ser plenamente satisfeito. É por esse motivo que a composição, em seus versos iniciais, procede a uma imediata retificação do próprio título, tragando-o para dentro de si: “Quando compro quadros/ ou, o que está mais perto da verdade,/ quando olho aquilo de que possa me considerar a possuidora imaginária”.¹ Se é verdade que os artefatos de imagens ou palavras também estão à venda, disponíveis no mercado, é igualmente certo que a nossa aquisição desses objetos não deixa de ser atravessada por um elemento paradoxal, pois deles somos sempre e tão somente “possuidores imaginários”, proprietários destituídos da possibilidade de um consumo último, definitivo. Poder comprar, de um lado, e possuir, de outro, constituem gestos muito distintos, e no intervalo entre uma coisa e outra reside a necessidade da análise e da interpretação. Para dizer de outro modo, se a realização do objeto artístico se cumprisse no ato da sua aquisição, certamente não haveria necessidade de sobre ele sedebuchar a fim de atribuir sentidos. Não por acaso, em uma versão prévia de “When I Buy Pictures”, Moore introduz os seguintes versos mais tarde eliminados: “Ela [a poesia] obriga a análise” e “Não desaparece sob a admiração”.² Trata-se de uma definição de literatura como aquilo que não se esgota no âmbito privado e que, mesmo quando comprada, empurra o seu proprietário inevitavelmente para o campo público da predicação, da disputa de sentidos e, em alguma medida, para a condição de objeto. A poesia é aquilo que solicita interpretação e, ao mesmo tempo, se defende do processo de sua incorporação definitiva – “não desaparece sob a admiração”.

¹ “Or what is closer to the truth,/ when I look at that of which I may regard myself as the imaginary possessor” (Moore, 1991, p. 42-43).

² “It compels analysis”, “It does not disappear under admiration” (*apud* Vendler, 1982, p. 27).

O dossiê “**Leituras da poesia**”, do nº 68 do *Cadernos do IL* da UFRGS, dedicado aos Estudos Literários, propôs-se justamente a reunir ensaios capazes de lidar com os poemas como materialidades enfáticas que demandam análise e interpretação cuidadosas, aquilo que, sob a influência do *New Criticism*, convencionou-se chamar de *close reading* ou leitura “atenta”, “cerrada”, “rente”, “microscópica” – o nome importa menos que o procedimento. O fato de o dossiê ter recebido mais de 80 trabalhos no breve espaço de tempo em que esteve aberto para submissões – cerca de três meses apenas – merece ser por si só considerado. É claro que estamos falando de um convite abrangente, de um problema de pouca circunscrição – o dossiê, como sua ementa inicial esclarecia, dirigia-se a diferentes tipos de leitura, desde ensaios centrados na análise de um poema qualquer até exercícios teóricos sobre, entre outros, os usos da poesia na sala de aula ou a questão da chamada poesia no campo “expandido” ou “ampliado”. Ao mesmo tempo, o significativo número de interessados e as várias submissões realizadas não deixam de ser uma reafirmação contundente da imagem de poesia construída pelos versos de Marianne Moore: os poemas que importam “obrigam a análise”, uma vez que seus sentidos constituem um problema e não se esgotam, portanto, na esfera privada, individual. Somos possuídos por eles, mais que seus donos. Embora, por razões óbvias, não tenha sido possível acolher todos os textos enviados ao dossiê, gostaríamos aqui de agradecer o interesse demonstrado por nossa proposta e as inúmeras leituras produtivas com que nos deparamos em nosso trabalho de organização do material recebido.

Para além dos debates teóricos vinculados à ementa inicial, alguns dos quais aqui já citados, buscamos priorizar, numa primeira seleção e triagem antecipada dos ensaios, precisamente as “leituras de poesia” que se configurassem como encontros prolongados com o objeto-poema como coisa ou constructo que requer interpretação demorada. Em sua configuração final, após a avaliação *ad hoc* dos pares – aos quais somos infinitamente gratos – e a revisão dos artigos, o dossiê conta com 16 ensaios, que se voltam para a análise de poetas como Adélia Prado, João Cabral de Melo Neto, Mariangela Gualtieri, Gonçalves Dias, Charles Baudelaire, Manuel Bandeira, Zbigniew Herbert, André Capilé, Jorge de Sena, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Golgona

Anghel. Como era de se esperar pela própria natureza de nossa proposta, trata-se de uma reunião de ensaios bastante diversa, cujo princípio unificador passa muito mais pelo impulso analítico partilhado por seus diferentes autores – o cuidado com a coisa estudada – do que por um conjunto representativo de qualquer tendência poética do passado ou do presente que seja. Agradecemos aos vários autores e autoras que submeteram seus textos e que agora compõem a disposição definitiva de nosso dossiê – a riqueza das análises aqui presentes é prova viva, irrefutável, da relação orgânica entre as ferramentas analíticas historicamente acumuladas pelos estudos literários e a produção do conhecimento que tem na universidade seu lócus privilegiado.

Do ponto de vista da organização do material, podemos falar da distribuição dos textos em três momentos fundamentais. No primeiro e mais extenso bloco de análises, a iniciar pelo ensaio de **Viviana Bosi** intitulado “Às voltas com o tempo na epifania, em diálogo com a poesia de Adélia Prado”, encontram-se os exercícios de leitura rente dos poemas selecionados pelos autores. Aqui, temos, além da leitura da poeta mineira, uma aproximação a João Cabral de Melo Neto através do poema “Bailarina” proposta por **Pablo Simpson**; uma leitura do poema “Bello Mondo”, de Mariangela Gualtieri, escrito pela poeta italiana a partir de Jorge Luis Borges, proposta por **Cláudia Tavares Alves**; em seguida temos a discussão feita por **Júnior Vilarino** do poema “Le Guignon”, tomado como exemplo da ironia romântica de Baudelaire; **Gustavo Ramos de Souza**, por sua vez, investiga uma dialética da frustração na obra de Bandeira a partir do poema “Versos de Natal”; enquanto **Guilherme Stadler Penteado** analisa, através de uma leitura do poema “Estudo de objeto”, a relação entre o poeta polonês Zbigniew Herbert e o pintor ucraniano Kazimir Malevich; **Lia Duarte Mota** pensa o lugar do corpo na leitura e na feitura do poema “Kuenda” de André Capilé; **Gibran de Souza**, por sua vez, através do poema “Water Music, de Handel”, explora os aspectos musicais da poesia de Jorge de Sena; enquanto **Paola Resende** discute a musicalidade em Carlos Drummond de Andrade a partir da leitura de dois poemas do autor, “Música” e “Beethoven”; **Gibran Alves Ayub** e **Luiza Ely Milano** abordam, através do gesto da escuta, o poeta Manuel Bandeira, principalmente a partir de uma leitura do poema “Boi morto”; **David**

Siqueira Fontes Neto também se debruça sobre João Cabral de Melo Neto, com atenção para os temas da memória e da morte no poema “Duelo à pernambucana”. Como um segundo bloco, temos os textos de **Mirella Márcia** e, depois, o de **Júlio César de Araújo Cadó**, que oferecem leituras menos horizontais e mais transversais respectivamente do brasileiro Jorge de Lima e da portuguesa Golgona Anghel, sempre com um olhar cuidadoso para a linguagem de seus poemas. E, por fim, fechando o dossiê há dois ensaios de cunho teórico que abordam, por perspectivas diversas, a questão das literaturas no “campo expandido”: “Expansões literárias, hoje e ontem”, de **André Cechinel**, e “Literatura, crítica, ensino: expansões sob controle”, de **Edmon Neto de Oliveira**.

Conforme assinalado em nossa ementa para a submissão de artigos, divulgada em outubro de 2024, “não há como pensar o processo de sedimentação institucional da teoria e da crítica literária na universidade sem levar em conta o investimento analítico no caráter produtivo da poesia e da linguagem poética”. Esperamos que o resultado final deste dossiê seja justamente uma demonstração disso, do caráter produtivo da leitura analítica da poesia e da linguagem poética. Uma excelente leitura a todos!

Marcelo Freddi Lotufo

André Cechinel

Referências

MOORE, Marianne. *Poemas*. Tradução: José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VENDLER, Helen. The Function of Criticism. *Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 36, nº 2, 1982, p. 15-29.